

# Adeus dólares

E já não se tem mais esperança de converter a dívida em investimento

A crise nos principais mercados acionários mundiais poderá dificultar a entrada de novos investimentos no País, principalmente através de conversão da dívida e de mecanismos de captação do tipo Fundo Brasil de Investimentos. A opinião é do presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Luiz Octávio da Motta Veiga. Ele afirmou ontem no Rio, que mesmo assim, vem recebendo pedidos para a urgente liberação do funcionamento dos fundos de investimento estrangeiros.

Mais pessimista é o presidente da Associação Brasileira dos Bancos Comerciais, Elmo Araújo Camões: "Perdemos a hora. A conversão da dívida externa brasileira em créditos deveria ter sido feita há mais de seis meses". Segundo ele, outros países já fizeram isso com muito sucesso, "por isso não consigo entender o que estamos discutindo".

Camões afirma que no momento em que o País dispunha de mecanismos "e era considerado um local sequioso de recursos para investimentos", o projeto de conversão não saiu. "Como demoramos muito, o investidor vai pensar um pouco mais, vai examinar melhor a situação, pois a crise surgiu." Ele acredita que se realmente o projeto sair, num primeiro momento (cerca de seis meses) "se conseguirmos converter US\$ 1,5 bilhão será muito. Depois esse valor vai cair".

Na opinião de Camões, é necessário que o governo estabeleça regras claras e tenha a certeza "de que não entrarão grandes recursos". Disse ainda "ser uma pena que o projeto esteja envolto em um emaranhado político". Ele criticou a moratória, ressaltando que "ela está atrasando e atrapalhando o País".

O presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Luiz Octávio da Motta Veiga, é favorável a mudanças nas atuais normas operacionais dos mercados acionários, tanto externos quanto internos, como, por exemplo, o estabelecimento de limites de oscilações diárias, visando evitar mudanças bruscas na formação de preços. No caso do mercado acionário brasileiro, Motta da Veiga, informou que a Comissão de Valores Mobiliários está reestudando mecanismos

dos mercados futuros e de opções e a sua correlação com o mercado à vista.

## Previsões refeitas

Outro fato poderá atrapalhar a economia brasileira: uma taxa de crescimento do comércio mundial abaixo dos 3% ao ano exigirá que sejam refeitas, para baixo, as previsões de expansão da economia nacional nos próximos anos e sejam introduzidas, na proposta de renegociação da dívida externa com os credores, cláusulas de salvaguarda que assegurem a retomada dos fluxos de financiamentos externos, sempre que o nível das exportações cair a um determinado ponto.

As simulações, com base nas novas tendências da economia mundial, estão sendo montadas pela área econômica do governo, segundo disse ontem o secretário-geral do Ministério do Planejamento, Michael Gartenkraut. O secretário chamou a atenção para o fato de que as principais metas, tanto do Plano de Controle Macroeconômico como do Programa de Ação Governamental, utilizam, como parâmetro, uma expansão anual mínima de 3,5% do comércio mundial e taxas médias da Libor (taxa interbancária de Londres) não superiores a 8,5%.

## Salvaguardas

Gartenkraut lembrou que nos acordos recentemente negociados com o México e a Argentina foram introduzidas cláusulas de



salvaguarda de natureza comercial. No caso mexicano, ficou estabelecido que, se os preços do petróleo caíssem a um certo patamar, haveria um compensatório aumento dos fluxos de financiamento externo, o mesmo ocorrendo com a Argentina, em relação ao nível de suas importações de produtos agrícolas.

No caso brasileiro, acha o secretário-geral da Sepplan que as cláusulas de salvaguarda deveriam abranger, do lado do petróleo, um aumento dos preços (ao contrário do México, país exportador de óleo) e do lado do comércio, um acentuado declínio das exportações. No acordo proposto aos credores, o Brasil sugere a aplicação de uma cláusula de salvaguarda em relação aos juros, estabelecendo que, se estes ultrapassarem um determinado nível previamente acordado, o excedente será capitalizado.

Gartenkraut acha que ainda é cedo para dizer, a partir do crash da Bolsa de Nova York, que o mundo está ingressando em novo processo recessivo, a partir de um programa de ajuste interno da economia norte-americana. Contudo, refere-se a relatórios pessimistas emitidos recentemente pelo Fundo Monetário Internacional, pela OECD, que reúne os principais países industrializados, pelo Banco Mundial e pelo Banco para Compensações Internacionais.

Todos eles, conforme Gartenkraut, apontam para dificuldades provenientes do déficit orçamentário norte-americano e da forma como ele está sendo financiado. As projeções sobre o crescimento do PNB dos países da Europa apontam para taxas abaixo dos 3%, excetuando-se a Alemanha, com 3,5%, a mesma taxa prevista para os Estados Unidos e o Japão. Contudo, se a economia norte-americana tiver de ajustar-se à crise através de uma redução das importações e de um aumento do protecionismo, não só o Brasil, mas outros países devedores da América Latina, como a Argentina e o México, sofrerão grandes dificuldades.

# ENTENDA A DIFERENÇA

Um aluno do economista britânico P. Croon quis saber a diferença entre crise, depressão e pânico.

"É simples", respondeu Croon. "Crise é quando temos de apertar o cinto para as calças não caírem. Já durante uma depressão, não temos cinto para apertar. E o pânico chega quando não temos nem calças para segurar."